

Canaã: cem anos depois, a festa

Santa Leopoldina comemora o centenário da chegada de Graça Aranha, que imortalizou a cidade em sua obra

Andréa Curry

Há exatamente cem anos chegou ao Estado um jovem magistrado maranhense para assumir o juizado municipal de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Ele tinha 21 anos e pretensões de escritor. Rodou três meses pela região montanhosa do Espírito Santo. Passou por Santa Teresa, Santa Maria do Jetibá e, de uma história verídica, colheu subsídios para escrever um livro que projetou internacionalmente a saga dos imigrantes no Estado e lhe abriu as portas da Academia Brasileira de Letras: **Canaã**.

Cem anos depois, a vinda de Graça Aranha ao Estado é lembrada, comemorada e divulgada para as novas gerações através de uma série de eventos promovidos pela comunidade de magistrados, escritores, artistas e pelas comunidades da região serrana. Hoje ficou sendo o dia D: em Santa Leopoldina, às 9h30m, vai ser inaugurada a exposição de quadros do pintor Francisco Schwarz, inspirados na região e na obra de Graça Aranha. Às dez horas, no Fórum Graça Aranha, construído no mesmo local onde o escritor viveu durante o período que esteve no Estado, vai ser apresentado um seminário, com palestras sobre Graça Aranha no Espírito Santo e as Ideias Filosóficas de Graça Aranha, com a previsão de um amplo debate no

ta Leopoldina, as famílias da época quiseram incriminá-la e Guilhermina acabou na prisão por três anos, mas, na ocasião de seu julgamento, foi absolvida.

Ao lado desse enredo, Graça Aranha acompanhou a luta dos imigrantes alemães, pomeranos e suíços para implantar um núcleo de civilização naquela região praticamente selvagem. Seguiu as fases da cultura do café — que só veio a florescer duas ou três décadas depois; a dificuldade com transporte; a precariedade de uma cidade se estabelecendo naquele pedaço de Brasil e a beleza escandalosa do verde das montanhas, com sua fauna e flora incomum.

O romance **Canaã** foi publicado no Rio de Janeiro em 1902, numa época em que o antigo magistrado atuava na literatura e em várias missões diplomáticas, que o levaram à Inglaterra, Itália, Suíça, Noruega, Dinamarca, França e Holanda. No início deste século, Graça Aranha procurou incorporar à cultura nacional as últimas correntes da arte e do pensamento europeu. Publicou **Meu Próprio Romance**, uma autobiografia, e **Viagens Maravilhosas**. Participou ativamente da **Semana de Arte Moderna**, embora seu estilo seja considerado mais ligado ao Naturalismo. Morreu no Rio de Janeiro, em 1931.

A Festa

As comemorações do centenário da vinda de Graça Aranha ao



Graça Aranha: uma saga alemã

Espírito Santo são promovidas pelo Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, pela Prefeitura Municipal de Santa Leopoldina, pelo Juizado de Direito da Comar-

ca, pela Academia Espírito-Santense de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico do ES. Um dos pontos máximos da festa vai ser a exposição do pintor leopoldi-

nense Francisco Schwarz. Ele preparou a mostra especialmente para comemorar a data.

É uma exposição de 15 quadros, retratando os meios de transporte até Santa Leopoldina, primeiro via lancha que fazia o trajeto Vitória/Porto de Cachoeiro, e antes disso ainda, as canoas que navegavam no rio Santa Maria da Vitória, fazendo o transporte de bens entre Porto do Cachoeiro e Vitória. As canoas costumavam também transportar passageiros, que eram classificados em primeira e segunda classes. Os de primeira iam na popa, protegidos do sol e da chuva por toldos. Os outros iam em cima das mercadorias.

Schwarz retratou também Millkau montado num muar, quando ia de Queimados para o Porto do Cachoeiro. O quadro retrata a passagem dele pela Fazenda da Conceição, na época em decadência, devido à abolição da escravatura. Foi pintado também um quadro mostrando o casarão de Alberto Sebastião Volkarth, chefe político que comumente hospedava as personalidades importantes que chegavam à cidade; o Porto fluvial sobre o rio Santa Maria da Vitória, onde chegavam as canoas e lanchas, provocando intenso trânsito de pessoas e muares de tráfegar.

Existe ainda um quadro com a vista panorâmica da cidade de Porto do Cachoeiro, na época em que lá chegou Antônio Pereira da Gra-

ça Aranha, e uma pintura da casa em que ele residiu durante sua permanência na cidade. A casa fora destruída por um incêndio em 1939 e sob seus alicerces foi construído o fórum da comarca que tem o seu nome. Graça Aranha permaneceu nesta casa de dez de agosto a 27 de novembro de 1890.

Outro quadro da exposição mostra uma vista da vila de Santa Teresa, em 1890, que desde 20 anos antes recebia os imigrantes italianos. Na exposição também há um quadro mostrando o vale do Baixo Timbuí, conhecido hoje como Vale do Canaã. É um vale que dava acesso às ricas terras do vale do Rio Doce.

Outra cena do livro **Canaã** pintada por Schwarz mostra o agricultor Felicíssimo demarcando o lote de Milkau e Lenz, na região da baixa do atual município de Santa Teresa. Era comum ele ficar muito irritado, quando tinha grandes dificuldades em manejar o teodolito, no começo dos serviços. Estes mesmos personagens do romance frequentavam a Igreja Luterana de Jequitibá, depois transformada em Santa Maria de Jetibá — também retratada pelo pintor.

A Estação de Cajá, local em que se realizou o grande baile descrito no livro, também foi pintada por Schwarz. Hoje em dia nada mais resta da construção. A antiga cadeia pública do Porto de Cachoeiro, em 1890, comparece à ex-

Santa Leopoldina comemora o centenário da chegada de Graça Aranha, que imortalizou a cidade em sua obra

Andréa Curry

Há exatamente cem anos chegou ao Estado um jovem magistrado maranhense para assumir o juizado municipal de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Ele tinha 21 anos e pretensões de escritor. Rodou três meses pela região montanhosa do Espírito Santo. Passou por Santa Teresa, Santa Maria do Jetibá e, de uma história verídica, colheu subsídios para escrever um livro que projetou internacionalmente a saga dos imigrantes no Estado e lhe abriu as portas da Academia Brasileira de Letras: **Canaã**.

Cem anos depois, a vinda de Graça Aranha ao Estado é lembrada, comemorada e divulgada para as novas gerações através de uma série de eventos promovidos pela comunidade de magistrados, escritores, artistas e pelas comunidades da região serrana. Hoje ficou sendo o dia D: em Santa Leopoldina, às 9h30m, vai ser inaugurada a exposição de quadros do pintor Francisco Schwarz, inspirados na região e na obra de Graça Aranha. Às dez horas, no Fórum Graça Aranha, construído no mesmo local onde o escritor viveu durante o período que esteve no Estado, vai ser apresentado um seminário, com palestras sobre Graça Aranha no Espírito Santo e as Idéias Filosóficas de Graça Aranha, com a previsão de um amplo debate no final. Durante as solenidades, será lançado um carimbo dos Correios, também comemorativo do centenário. Também haverá uma exposição de fotos e gravuras de fazendas antigas da região feitas pela arquiteta Maria Izabel Perini Muniz — autora do livro **Arquitetura Rural do Século XVIII no Espírito Santo**.

Durante os três meses que esteve no Espírito Santo, o magistrado José Pereira da Graça Aranha entrou em contato com um processo sobre um caso que havia revoltado as famílias da região no ano anterior. Trata-se do processo contra Guilhermina Libich, que engravidou sem ninguém saber de quem, teve uma criança num dia frio de agosto, que acabou morrendo. Houve quem dissesse que o recém-nascido havia sido abandonado para os porcos comerem. Em San-

ta Leopoldina, as famílias da época quiseram incriminá-la e Guilhermina acabou na prisão por três anos, mas, na ocasião de seu julgamento, foi absolvida.

Ao lado desse enredo, Graça Aranha acompanhou a luta dos imigrantes alemães, pomeranos e suíços para implantar um núcleo de civilização naquela região praticamente selvagem. Seguiu as fases da cultura do café — que só veio a florescer duas ou três décadas depois; a dificuldade com transporte; a precariedade de uma cidade se estabelecendo naquele pedaço de Brasil e a beleza escandalosa do verde das montanhas, com sua fauna e flora incomum.

O romance **Canaã** foi publicado no Rio de Janeiro em 1902, numa época em que o antigo magistrado atuava na literatura e em várias missões diplomáticas, que o levaram à Inglaterra, Itália, Suíça, Noruega, Dinamarca, França e Holanda. No início deste século, Graça Aranha procurou incorporar à cultura nacional as últimas correntes da arte e do pensamento europeu. Publicou **Meu Próprio Romance**, uma autobiografia, e **Viagens Maravilhosas**. Participou ativamente da **Semana de Arte Moderna**, embora seu estilo seja considerado mais ligado ao Naturalismo. Morreu no Rio de Janeiro, em 1931.

A Festa

As comemorações do centenário da vinda de Graça Aranha ao



Graça Aranha: uma saga alemã

Espírito Santo são promovidas pelo Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, pela Prefeitura Municipal de Santa Leopoldina, pelo Juizado de Direito da Comar-

ca, pela Academia Espírito-Santense de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico do ES. Um dos pontos máximos da festa vai ser a exposição do pintor leopoldi-

nense Francisco Schwarz. Ele preparou a mostra especialmente para comemorar a data.

É uma exposição de 15 quadros, retratando os meios de transporte até Santa Leopoldina, primeiro via lancha que fazia o trajeto Vitória/Porto de Cachoeiro, e antes disso ainda, as canoas que navegavam no rio Santa Maria da Vitória, fazendo o transporte de bens entre Porto do Cachoeiro e Vitória. As canoas costumavam também transportar passageiros, que eram classificados em primeira e segunda classes. Os de primeira, iam na popa, protegidos do sol e da chuva por toldos. Os outros iam em cima das mercadorias.

Schwarz retratou também Milkau montado num mular, quando ia de Queimados para o Porto do Cachoeiro. O quadro retrata a passagem dele pela Fazenda da Conceição, na época em decadência, devido à abolição da escravatura. Foi pintado também um quadro mostrando o casarão de Alberto Sebastião Volkarth, chefe político que comumente hospedava as personalidades importantes que chegavam à cidade; o Porto fluvial sobre o rio Santa Maria da Vitória, onde chegavam as canoas e lanchas, provocando intenso trânsito de pessoas e muare de trafegar.

Existe ainda um quadro com a vista panorâmica da cidade de Porto do Cachoeiro, na época em que lá chegou Antônio Pereira da Gra-

Foto de Gildo Loyola

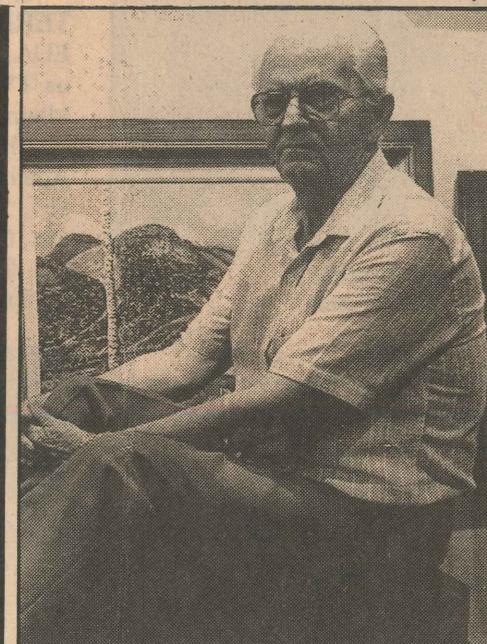
ça Aranha, e uma pintura da casa em que ele residiu durante sua permanência na cidade. A casa fora destruída por um incêndio em 1939 e sob seus alicerces foi construído o fórum da comarca que tem o seu nome. Graça Aranha permaneceu nesta casa de dez de agosto a 27 de novembro de 1890.

Outro quadro da exposição mostra uma vista da vila de Santa Teresa, em 1890, que desde 20 anos antes recebia os imigrantes italianos. Na exposição também há um quadro mostrando o vale do Baixo Timbuí, conhecido hoje como Vale do Canaã. É um vale que dava acesso às ricas terras do vale do Rio Doce.

Outra cena do livro **Canaã** pintada por Schwarz mostra o agrimensor Felicíssimo demarcando o lote de Milkau e Lenz, na região da baixa do atual município de Santa Teresa. Era comum ele ficar muito irritado, quando tinha grandes dificuldades em manejar o teodolito, no começo dos serviços. Estes mesmos personagens do romance frequentavam a Igreja Luterana de Jequitibá, depois transformada em Santa Maria de Jetibá — também retratada pelo pintor.

A Estação de Cajá, local em que se realizou o grande baile descrito no livro, também foi pintada por Schwarz. Hoje em dia nada mais resta da construção. A antiga cadeia pública do Porto de Cachoeiro, em 1890, comparece à exposição. Foi lá que Maria, principal personagem do romance, ficou encarcerada por três anos. Junto com a exposição, o Instituto Histórico e Geográfico preparou um folder relacionando os quadros de Schwarz ao livro **Canaã** — que serve para guiar os neófitos no assunto.

Agora, outra novidade surgida no bojo das comemorações do centenário da vinda de Graça Aranha ao Estado é o videofilme que está sendo preparado por uma equipe ligada à Ufes. O vídeo tem como base o livro **Fuga de Canaã**, do professor e magistrado Renato Pacheco, que, de certa forma, continua a história contada por Graça Aranha, também tendo como base pesquisas do tempo em que Pacheco foi o juiz daquela comarca. O lançamento, entretanto, só vai acontecer no mês que vem.



Nas telas de Schwartz, os cenários de 'Canaã'